

## CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE O CONCEITO DA FILOSOFIA OCIDENTAL

### PHILOSOPHICAL CONSIDERATIONS ON THE CONCEPT OF WESTERN PHILOSOPHY

**Raimundo do Nascimento Batista Landim<sup>1</sup>**  
<https://orcid.org/0000-0002-2193-8431>;

**Osterne Nonato Maia Filho<sup>2</sup>**  
<http://orcid.org/0000-0003-4636-1912>;

**Francisco Joatan Freitas Santos Junior<sup>3</sup>**  
<https://orcid.org/0000-0002-6898-606X>;

**Resumo:** O artigo é uma reflexão filosófica sobre o conceito ocidental da filosofia, que, como muito bem nos lembrou Hegel (1976), o ato de dizer o que é a filosofia é já uma tarefa filosófica e isso somente será legítimo quando for feito filosoficamente. Definir o que é a filosofia em sua mais ampla significação e, ao mesmo tempo, em sua essencialidade, eis o que nos propomos a tratar aqui. Na busca de respostas para tal problemática, o artigo privilegia o estudo teórico-bibliográfico de caráter analítico-exploratório, orientando-se pelo horizonte metodológico do pensamento dialético, à medida em que tenta superar duas posturas parciais de compreensão da natureza da filosofia, que é a filosofia como problema, enquanto postura crítica, e a da filosofia como sistema, portanto um saber metafísico. O objetivo é investigar a possibilidade de superação dessa visão dicotômica e dualista de compreensão da filosofia, como em geral acontece na tradição ocidental. E, neste sentido, em suma, propomos superar tal dualismo conceitual acerca da natureza da filosofia através de uma visão sintética desse saber, que é o que tematizamos como sendo uma reflexão problematizante e sistematizante sobre o sentido da verdade.

**Palavras-chave:** Filosofia. Metafísica. Conceito. Dialética.

**Abstract:** The article is a philosophical reflection on the concept of Western philosophy, which, as Hegel (1976) very well told us, the act of saying what philosophy is already a philosophical task and this will only be legitimate when it is done philosophically. What is philosophy in its broadest meaning and, at the same time, in its most intense essentiality, this

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor de Filosofia na UECE. E-mail: [nascimento.landim@uece.br](mailto:nascimento.landim@uece.br); CV: <http://lattes.cnpq.br/7005370131119389>.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Psicologia na UECE. E-mail: [osterne\\_filho@uol.com.br](mailto:osterne_filho@uol.com.br); CV: <http://lattes.cnpq.br/7436001421675280>.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela UECE. Professor colaborador do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO/UFC). E-mail: [joatan.freitas@gmail.com](mailto:joatan.freitas@gmail.com); CV: <http://lattes.cnpq.br/4583275927317029>.

is what we propose to address here. In the search for answers to this problem, the article privileges the theoretical-bibliographic study of an analytical-exploratory character, guided by the methodological horizon of dialectical thinking with a Hegelian feature, as it tries to overcome two partial positions of understanding of the nature of philosophy, which is philosophy as a problem (critical stance) and philosophy as a system (metaphysical knowledge). The objective is to investigate the possibility of overcoming this dichotomous (dualist) view of understanding philosophy, as it usually happens. And, in this sense, in short, we propose to overcome such conceptual dualism of the nature of philosophy through a synthetic view of it, which is what we thematize as a problematizing and systematizing reflection on the meaning of truth.

**Keywords:** Philosophy. Metaphysica. Concept. Dialectica.

## Introdução

“Aprendi muito com meus mestres, mais com meus companheiros, mais ainda com meus alunos” (Talmude).

O que é, mesmo, a filosofia? Eis a clássica pergunta que geralmente dá início aos textos de iniciação à filosofia; ou que aflora dos lábios dos alunos no primeiro dia de aula da disciplina de Introdução à Filosofia. Não é à toa que grandes pensadores já se debruçaram sobre tal pergunta: na antiguidade Aristóteles a nomeou como o “saber dos saberes”, e seus discípulos, como Andrônico de Rodes, chamaram-na de “metafísica”; na Idade Média Tomaz de Aquino tratou-a como “*discipula theologiae*”; na modernidade Kant definiu-a como uma “reflexão transcendental” e Hegel como um “saber especulativo”; por sua vez, na atualidade temos Heidegger considerando-a como uma “análise da existência”; Wittgenstein como “análise da linguagem”; e Jaspers como “problematização da vida”. Diante dessa diversidade de respostas, novamente, voltamos ao mesmo problema: afinal o que é, mesmo, a filosofia?

Este é também o nosso tema aqui a ser desenvolvido, porque é também para nós um problema. Não o problema central da filosofia, mas um problema fundamental, existencial, haja vista ser um tanto quanto inconcebível tratar de um objeto sem definir seu ser e a sua essência, pois como podemos justificar o ato de filosofar sem saber o que estamos fazendo? Desta forma, faz-se necessário explicitar o conceito que temos da filosofia como solo mínimo do ato de filosofar.

Este texto é fruto de uma reflexão sobre o sentido da filosofia na nossa vida e foi sendo, paulatinamente, construído no espaço de diferentes vivências: ao longo de muitos anos de estudos e de ensino; a partir da leitura exaustiva de obras de introdução ao pensamento filosófico, bem como de obras originais dos próprios filósofos; dos debates dentro da academia com colegas e estudantes; dos espaços de vivência da filosofia cotidiana; das articulações interdisciplinares da filosofia com outros saberes, afinal a filosofia é a mãe de todas as ciências. De forma mais incisiva, tomaremos como referência teórica algumas obras, e alguns tópicos do pensamento de autores já devidamente consagrados como Hösler (1984), Chauí (1994), Fougeyrollas (1972), dentre outros, numa espécie de revisão narrativa da literatura sobre a questão.

Primeiramente, delimitaremos a problemática sob a qual se apresenta o conceito filosofia, bem como possíveis respostas à questão. Pois, filosoficamente falando, sabemos que, muito das vezes, a resposta a uma questão é condicionada pela pergunta. Em outras palavras, mais precisamente, no modo mesmo de colocar a questão já pode estar implícita uma resposta. Em seguida, discutiremos a estrutura lógica essencial que constitui o pensamento filosófico a partir de três achegas ou caminhos que são as aproximações epistemogenética, etimológica e histórico-gnosiológica. Após isto feito, num lance de síntese, tematizaremos o que consideramos ser o conceito essencial da filosofia ocidental.

### **Do conceito de filosofia**

Definição ou conceituação? A polêmica faz parte mesmo da própria natureza do pensamento filosófico. Ela já começa com o próprio significado conceitual da palavra filosofia, como muito claramente vemos nas obras de Chauí (1994) e de Jolivet (1986), pois quando se pretende definir filosofia a gente encontra não somente um, mas muitos, talvez até mesmo inúmeros significados. É que é próprio do termo filosofia um verdadeiro fenômeno semântico chamado pelos linguistas de polissemia, a saber, uma diversidade grandiosa de conteúdos. Para se ter uma ideia disto basta olhar o nosso cotidiano e aí se verá inúmeras significações e aplicações da palavra filosofia: “filosofia da seleção”, “filosofia da empresa”, “filosofia do sistema”, “filosofia do curso”, etc. Mas, não só no cotidiano se observa esta polissemia, pois igualmente no âmbito mesmo do próprio pensamento filosófico vige a diversidade e a variabilidade de sentido dela.

Consideremos a fase antiga da história da filosofia e a compreensão que tem dela os filósofos pré-socráticos, os sofistas, os clássicos como Sócrates, Platão e Aristóteles e a

helenística. Cada uma dessas correntes elaboraram um significado da filosofia, algo que aconteceu também em outras épocas pelas quais passou o desenvolvimento histórico da filosofia. Não é raro observarmos vários significados para a filosofia numa mesma era histórica. É possível, inclusive, encontrar mais de um significado em um único pensador - como é o caso de Platão, Kant, Marx, Wittgenstein, para citar alguns. E, mais ainda, por vezes, a mesma diversidade pode ser encontrada em uma única obra filosófica.

Ora, onde buscar a definição precisa e verdadeira de filosofia? Qual pensador, obra e época tomar como referência de pesquisa? Parece mesmo que aqui se cai num verdadeiro círculo vicioso: quer-se uma definição de filosofia, mas têm-se, na realidade, muitas definições, muitos significados dados pelos próprios filósofos. E o que fazer, como proceder adequada e produtivamente? Eis, portanto, o problema! No entanto, mais importante do que pesquisar conteúdos que possam teoricamente satisfazer o problema em pauta, o que mais importa seria perquirir, julgar e se posicionar frente à questão. Afinal é o lugar que nos colocamos aqui: não se trata da busca de uma definição a mais ou, pretensamente, melhor para superar o problema, pois corremos o risco de, ao invés de resolver o problema, reforçar o círculo vicioso. Como já destacado, na literatura abundam definições, umas ao lado ou, mesmo, sobrepostas às outras, sem que, com isto, tenhamos como saber qual delas é a melhor, a mais expressiva e a mais importante.

Contudo, uma possível saída existe, talvez até mais de uma saída. Mas, aqui, apenas uma se nos apresenta como sendo, provavelmente, a mais verdadeira, dado possuir em si mesma um conteúdo filosófico histórico e logicamente fundado. Para tanto, importa ao invés de definir, de forma objetiva e definitiva o que seja a Filosofia, na verdade, devemos é buscar conceituá-la. Porquanto, vemos que melhor do que definir, que em filosofia é pôr um fim ou meta a alguma coisa, devemos conceituá-la, discorrer acerca-se dela, dado que a conceituação, enquanto tal, implica em procurar ir o máximo possível - aproximando-se, às vezes, afastando-se -, ao encontro do objeto em pauta, que, aqui é a questão da essência da filosofia.

Portanto, o conceito vai no contraponto à definição que implica num movimento de finalização, fechamento, por isto mesmo, contrário ao espírito filosófico, que é por natureza, aberto, crítico e universalizante. Desta maneira, invés de cairmos no círculo vicioso apelando para a definição, com a conceituação postula-se um círculo virtuoso. Neste sentido, salta-nos à vista, agora, algumas vias de acesso e aproximação ao âmago essencial da filosofia. A saber, primeiramente, a dedução lógica do conceito de filosofia como uma ideia geral,

estrutural, essencial a partir do elenco de definições, então, existentes e historicamente dadas e usadas ao longo do tempo pelos próprios filósofos. Isto, aliás, é o que faz Dilthey (1984) e, digamos, com muito sucesso.

Em segundo lugar, a análise filológica do significado etimológico da palavra, pelo que se pode apreender a raiz semântica do termo filosofia, enquanto uma outra possibilidade de superação da mesma problemática, por si só, não suficiente, mas, certamente plausível, visto que a nomeação diz da intenção humana de descrever a realidade.

E, por último, a análise do processo de originação da inteligência imanente ao ser humano enquanto tal que também se apresenta, com certeza, como importante para o caso. Pois, observando-se a maneira como nasce ontogeneticamente o pensamento filosófico na vida do indivíduo como um ser pensante, tal fato pode nos dar pistas da noção concreta e real do significado conceitual da palavra filosofia e do ato de filosofar. Em suma, eis o que será feito a seguir. Primeiramente uma aproximação epistemogenética ao conceito de Filosofia; depois uma aproximação etimológica, e, por fim, uma aproximação histórico-gnosiológica.

### **Aproximação epistemogenética**

Na sua sistemática sobre a origem lógica do pensamento filosófico – algo que aqui denominamos de aproximação epistemogenética, que, diferentemente de uma abordagem fenomenológica, a qual prima, meramente, por uma descrição de sua manifestação fenomênica -, Chauí (1994), ao lado doutros epistemologistas como Bornheim (1978), Buzzi (2012), Corbisier (1983), Piaget (1983), na “Introdução” do seu texto, cujo objetivo maior dela é indicar a importância, o valor e a “utilidade” da filosofia, inicia sua exposição demonstrando como a filosofia emerge das entranhas da vida cotidiana.

De fato, ao olharmos para o mundo vivido a filosofia já se encontra lá, ainda que de uma forma espontânea, como nos propõe, também, Gramsci (1987). Ou seja, no dia a dia, temos de forma velada, muitas crenças, vários pressupostos, inúmeros valores em que acreditamos, partimos e defendemos, uma visão de mundo minimamente racional e logicamente organizada que costumamos denominar de senso comum, ou tradição consensuada. Ora, quando, a partir dessa vida cotidiana, assumimos uma postura de indagação (o que? como? por que?), de admiração, de dúvida, de curiosidade, então, começamos a entrar no âmbito da filosofia. Pois, filosofia é, neste sentido, uma atividade que, enquanto tal, implica tanto uma atitude interrogante, problematizante quanto uma atitude sapiencial, sistematizante, consciente de quem busca saber porque sabe.

Portanto, parece-nos bem óbvio deduzir do texto daquela autora que a filosofia é uma atividade reflexiva, pelo que comporta em si a criticidade e a sistematização. Significa que a Filosofia é pergunta e busca de resposta, porém tal atividade não se satisfaz com a resposta imediata dada à pergunta e, por isso, problematiza-a, o que poderá resultar num sistema de pensamento ou teoria. E, este sistema, por sua vez, pode ser alvo da crítica, já que nenhum sistema exaure todo o conteúdo da realidade, fato que, inevitavelmente, implicará na formação de nova doutrina, escola, movimento, corrente de pensamento. E, assim, há cerca de 27 séculos nasceu, no Ocidente, essa atividade reflexiva chamada filosofia, que ao longo desse tempo se estruturou, e, hoje segue sendo uma das mais importantes formas de produção cultural da humanidade.

Noutra parte do mesmo trabalho, Chauí trata doutra não menos importante questão da filosofia, que é a de situar o seu lugar na realidade atual. “Para que filosofia?”, pergunta ela já no título da “Introdução” da sua obra. Neste sentido, destaca a autora que nenhuma área do saber humano ou qualquer outra forma de conhecimento sofre tanto quanto a filosofia do questionamento sobre sua utilidade prática. A propósito, usa-se a definição popular irônica, segundo a própria Chauí atribuída erroneamente a B. Mussolini, como forma de justificação da inutilidade da filosofia: “A Filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual” (Chauí, 1994, p. 12).

Mas, seria a Filosofia, isso mesmo, um saber inútil, sem nenhum valor, como pergunta Franciotti (1993)? Inútil, não! Não útil, sim! Ou, dizendo melhor, a Filosofia é uma atividade não útil, no sentido de um uso imediato, mas que, nem por isso deixa de ter um sentido e um valor, visto que se trata de uma forma de saber inevitável e necessária segundo defende Aristóteles (2002). Por isto mesmo, diz-nos Chauí, tudo depende da compreensão que se tem de utilidade. É um grande preconceito do senso comum “considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata” (Chauí, 1994, p. 13). E, continuando, a dita autora diz-nos: “Desse ponto de vista, a Filosofia é inteiramente inútil e defendo o direito de ser inútil” (Chauí, 1994, p. 18). Contudo, uma vez que compreendamos o sentido de utilidade com mais amplitude, veremos, então, quão útil é a filosofia! Nas próprias palavras de Chauí (1994, p. 18):

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia? Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

A passagem da consciência ingênua para a crítica, a busca do sentido da existência, a crítica da ideologia, bem como a fundamentação de uma prática de liberdade, como é dito por Chauí (1994), na citação acima, são, pois, indicadores mais do que importantes e suficientes em prol da “utilidade” da atividade do pensamento filosófico. A filosofia, portanto, ao contrário das ciências e das artes, não detém sua utilidade dos seus possíveis desdobramentos

práticos e tecnológicos decorrentes do seu fazer, mas em se constituir na reflexão crítica sobre o saber, o agir e o fazer do homem, um ser de valores, de escolhas que não está mais aprisionado ao determinismo fechado do mundo biomecânico e natural. Ocupar esse lugar é fundamental na constituição de uma metodologia ou de um procedimento que nos conduz desde uma postura ingênua, muito típica do senso comum, passando pela postura negativa, típica de uma visão cética do mundo, até à postura da superação, típica de uma visão crítica da realidade.

Entretanto, se ainda não ficou claro o significado da palavra filosofia, apresentado nesta aproximação, uma outra possibilidade é-nos oferecida via etimologia, isto é, via análise da palavra na própria língua de origem no Ocidente, o mundo grego. O ato linguístico de nomear um objeto a partir de seus atributos não é um ato casual, mas fruto da prática social de um consciente que estabelece consensos em uma linguagem propriamente humana.

### **Aproximação etimológica**

A origem da palavra filosofia, como de resto a própria filosofia, parece remontar a alguns séculos antes da era cristã e pertence ao patrimônio cultural do gênio grego. Foi lá, pelos idos dos séculos VII e VI a.C., que, num movimento iniciado nas colônias e, depois, alcançando a sede do império, Atenas, aquele povo fascinante legou para o resto da humanidade o que hoje todos chamam de filosofia. É, por conta disto que, se queremos apreender o significado original da palavra filosofia, o caminho da pesquisa sobre a raiz desta palavra na língua desse mesmo povo, é, com certeza, uma via privilegiada. A palavra filosofia vem da conjunção léxica de duas outras palavras gregas: *philos* e *sophia*. *Philos* é um adjetivo que deriva do verbo *philein*, o qual significa amar, desejar, sentir amizade, ao passo que *sophia* é um substantivo significando habilidade, conhecimento, saber (Pereira, 1984). Literalmente, por conseguinte, Filosofia significa amor à sabedoria.

Mas, aqui, é importante não perder de vista a força expressiva do adjetivo *philos* na língua grega. Pois, senão, perderíamos algo revelador da natureza, da essência e da estrutura mesma da filosofia. Nesses termos, é próprio de quem ama, de quem deseja, carecer do objeto amado, sentir sua falta e, por isto mesmo, buscá-lo, procurá-lo incessantemente, incansável e apaixonadamente. Assim o é porque, do contrário, o amante que tem a posse, a propriedade do objeto amado perde, e muitas vezes, inconscientemente a vontade da busca, o desejo da procura, a paixão pela caça - o que pode redundar no fastio ou, mesmo, na acomodação, por isto mesmo, a falta é o que move o desejo dos amantes.

O sujeito que ama tem de ser humilde, visto depender do objeto amado, como nos lembrou Platão (1990), no seu diálogo “Banquete”, quando a pitonisa Diotina faz um belo discurso sobre a origem do amor. Ideia esta que, posteriormente, foi assumida por Freud (1994) na sua abordagem psicanalítica do amor. Afinal de contas, por que lutar por algo que já se tem como garantido? Ora, o *philos* da língua grega que compõe a palavra filosofia vai de encontro a esta situação de comodismo, e, por extensão, a toda e qualquer condição de inércia postulada pelo sujeito. Além do mais, *sophia* expressa também um significado singular quando da sua composição na palavra filosofia. Ou seja, na qualidade de sabedoria, não se trata aqui de um objeto simples, imediatamente dado e de fácil apreensão. Sabedoria implica conhecimento e, enquanto tal, pressupõe a busca da verdade. E a realidade da verdade é uma totalidade, um ideal, um absoluto (Hegel, 1976), mesmo que provisório. Assim, pois, quem ama a sabedoria tem de fazer um grande e constante esforço para encontrá-la, se é que isto é possível, e mesmo efetivável. Como consequência desta rapidíssima análise filológica da raiz etimológica da palavra filosofia, resulta que ela - muito longe daquilo que o senso comum tranquilamente admite como o certo -, expressa mais do que um estado, uma atividade, mais do que uma posse, expressa uma procura, uma ação, uma atividade de busca constante, incansável e infinita da verdade.

Aliás, este conceito, sentido, da palavra filosofia é concretamente confirmado por um fato muito provavelmente histórico, ocorrido pelos idos do século VI antes de Cristo. Diz-nos Ajdukiewicz (1979) que os discípulos de um filósofo pré-socrático chamado Pitágoras, ao se dirigirem ao mestre o chamavam de *sóphos*, que quer dizer sábio. Mas, ele, Pitágoras, não quis aceitar tal denominação, preferindo ser chamado de “amigo da sabedoria” ou filósofo (a junção de filo e sofia). Seria obviamente pretencioso se tentar localizar o momento da criação original da palavra filosofia, mas a aproximação já nos permitiria conceituar a filosofia como a busca da sabedoria e, não, a sua posse, como comumente é entendido.

E o primeiro filósofo? A título de aproximação poderíamos nomear Tales de Mileto no século. VII a.C, pois com ele, pela primeira vez na história da humanidade, temos o registro de um tratado acerca de um problema fundamental para o ser humano, ou seja, a questão sobre a origem de todas as coisas não é mais tratada sob a ótica teológica, da fé e da crença ou pela ótica mítica baseada na fantasia, mas sob a ótica racional, no logos. A propósito, para este pensador, tudo teria se originado a partir da água. Depois dele muitos outros surgiram dando respostas diferentes àquela mesma pergunta. É o caso de Parmênides



de Eléia, que se foca na essência do ser; Heráclito de Éfeso, que acentua a importância do não-ser, Anaxágoras, Anaximandro, Zenão, e tantos outros.

Contudo, se a elucidação do conceito de Filosofia, como foi apresentada acima ainda não é suficiente, sua localização enquanto saber metafísico, que está para além da descrição do mundo físico, ao lado doutros, pode ser aqui interessante; mais ainda, é oportuno e necessário. É o que tentaremos fazer agora a seguir.

### **Aproximação histórico-gnosiológica**

A pesar de não termos um conhecimento evidente sobre como aconteceu o início do longo processo de desenvolvimento do saber humano, parece-nos óbvio ter sido o senso comum, também chamado saber popular, conhecimento empírico, ou, ainda, saber do cotidiano, a sua primeiríssima forma. Do mesmo modo, também parece-nos ser o senso comum a forma de saber mais universal, bem como a mais constante, por isto mesmo, a de maior presença em toda a história do desenvolvimento do pensamento humano. Trata-se de um saber caracteristicamente espontâneo, existencial e superficial, fundado na vivência e experiência de vida e tendo como função a operacionalidade prática. Quando começou, quem o criou, onde surgiu, não sabemos, nem parece ser aqui isso o de mais importante. O fato é que em dado momento, este mesmo saber se tornou insatisfatório para as necessidades do momento. E foi, então, que começou a emergir outra forma de saber mais elaborado e bem mais sofisticado, que o chamamos de conhecimento teológico.

A teologia enquanto forma de saber se caracteriza de modo bem diferente do senso comum. Enquanto tal é um conhecimento dogmático, revelado e circular; sua fenomenia se dá por meio das religiões e seitas, ao passo que sua fundamentação acontece no âmbito da fé; já sua função predominante consiste no apelo intenso e exclusivo à salvação (soteriologia) e a explicação do mundo a partir de causas sobrenaturais.

Mas, o saber teológico também, em dado momento histórico, apresentou-se insuficiente para responder às indagações, às necessidades, e à demanda do ser humano para conseguir sobreviver em um meio ambiente cada vez mais complexo. Uma das principais razões deveu-se ao seu dogmatismo, já que o homem começou a usar mais e melhor sua capacidade de pensar, raciocinar, experimentar e explicar o mundo de forma menos sobrenatural, à medida que lidando melhor com as forças da natureza. Contudo, as condições materiais desse homem ainda eram muito pouco adequadas para lhe possibilitar o desabrochamento pleno do seu pensamento racional. Daí, o surgimento de uma outra forma

de saber de feição um tanto quanto transitiva, denominada mito, uma explicação do mundo ainda fortemente vinculada a causas sobrenaturais, mas que passa a implicar crescentemente o ser humano no processo de causação do mundo.

O saber mitológico, por seu turno, diferentemente do teológico, por outro lado, aproxima-se dele, pois emerge e sai das suas próprias entranhas. Ou seja, funda-se na capacidade imaginativa do ser humano e, por isto mesmo, caracteriza-se como sendo uma forma de saber fantasiosa, narrativa e elíptica. Seu evento se dá dentro de um ambiente pautado pela ficção, pela ideologia e pela literatura (particularmente a de cordel). E a sua função consiste em visar a integração cosmológica das pessoas, coisas e ideias.

Porém, a irreversibilidade do desenvolvimento do pensamento humano não parou com a mitologização da vida, haja vista que a vida cada vez mais se complexificava à medida que aumentava a população, a necessidade de urbanização dos espaços coletivos e a implementação das comunicações a divisão crescente da sociedade em classes sociais distintas. É nesse contexto que emergiu a metafísica como uma forma de saber oriunda exclusivamente da reflexão filosófica desenvolvida e aprofundada pelo gênio grego, na medida em que põe em questão a própria *doxa*, baseada no consenso da prática social calcada no senso comum. Ora, enquanto tal, esta nova forma de saber se apresenta com outras características, como seja a sistematização, a especulação, o movimento helicoidal e dialético do mundo. A fonte de legitimação do saber metafísico é a razão lógica, e a sua função é a de servir como fim sapiencial à vida do homem, levando em conta, também, a energia que a ação ou *pathos* instiga em direção às possibilidades de escolha ou *ethos*.

Mas, entremeando todos essas formas de saber, principalmente as três últimas, uma outra forma nova e diferente delas veio subsistindo e evoluindo: o saber científico, que parece ter surgido com o desenvolvimento da prática social experimental e teórica, que mais tarde redundou em sistemas e campos de teorias complexos, no desenvolvimento das universidades e dos laboratórios, e se caracteriza como sendo um saber essencialmente metódico, experimental e mais linear. A fonte que possibilita a formulação da ciência é a experimentação empírica, e sua função vai no sentido de prestar-se como um meio instrumental de satisfação das necessidades do ser humano a partir do conhecimento crescente das leis da natureza e do funcionamento do mundo e das consequências das aplicações destes saberes à realidade natural e humana.

A caracterização dessa evolução histórica das várias formas de conhecimento que constituem a totalidade do saber humano, estaria incompleta se, nessa mesma evolução,

desconhecêssemos a existência do pensamento dialético, que é uma forma de pensar bem diferente do modo como o pensamento analítico processa o conhecimento (Cirne-Lima, 1993 e 2014). Ou seja, de forma concomitante, senão, de forma concorrente ao pensamento analítico sistematizado por Aristóteles, o pensamento dialético foi gestado na antiguidade clássica por Platão e aprofundado por Plotino; prosseguiu resiliente nas entrelinhas da metafísica escolástica (T. Aquino) por toda a idade média e foi desenvolvido na modernidade, sob a perspectiva do idealismo objetivo de Hegel. Depois, pela ótica do materialismo histórico, foi repensado por Marx e, por último, chegou à atualidade através dos intérpretes do marxismo, como é o caso de Lukács, Gramsci e Sánchez Vázquez, dentre outros.

Vale ressaltar aqui, *en passant*, que o pensamento dialético, se na antiguidade foi gestado concomitante ao pensamento analítico, ao longo da história, os mesmos foram, qualitativamente, diferenciando-se e gerando diversas movimentos e correntes de pensamentos. Isto fica bem patente quando comparamos, a título de ilustração, a corrente positivista-empirista com a do idealismo objetivo de Hegel e, sobretudo, com a do materialismo histórico de Marx e seus numerosos intérpretes. Mais precisamente, a engrenagem epistemológica da perspectiva cartesiana-comtiana e newtoniana (pensamento analítico) que se tornou, a partir da modernidade, o método científico hegemônico na cultura ocidental, compreende a verdade como o resultado de um desvelamento lógico-empírico, fruto de um procedimento analítico (indutivo-dedutivo). Por sua vez, as perspectivas hegeliana e marxista pautam o conhecimento do mundo, do homem e da sociedade, como sendo uma construção histórico-social, fruto de um movimento processual que vai de uma universalidade tética (abstrata), passando pela negação antética e culminando numa totalidade sintética (concreta).

### **À guisa de conclusão ou síntese**

Postos, pois, essas reflexões e dados todos sobre o desenvolvimento, a diversidade e a originação do pensamento e do conhecimento humanos, particularmente a gestação do saber filosófico, resta, agora, levar a efeito algumas considerações pertinentes à temática da conceituação da filosofia.

Primeiramente, verifica-se que quando se deu a consolidação histórica do pensamento filosófico na cultura grega, pelos idos do século VII a.C., este já encontrou vigendo outras formas de saber, como o senso comum, a teologia, o mito, embora o pensamento teológico e

o mitológico fossem os mais predominantes, principalmente este último. Contudo, estas formas de conhecimentos não mais eram satisfatórias para a demanda das necessidades econômicas, sociais e culturais de então. Isto foi motivado por várias razões que não cabe enumerá-las exaustivamente aqui.

Ora, a filosofia vem exatamente fazer frente a esta situação, tal como foi belissimamente formulado por Hegel no “Prefácio” dos “Princípios da Filosofia do Direito”, usando a mitológica imagem plástica da ave de Minerva, destacando que “não vem a filosofia para rejuvenescer, mas apenas reconhecer. Quando as sobras da noite começam a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva” (Hegel, 1986, p. 15). E a filosofia o faz através de dois movimentos: perguntando, problematizando, criticando sobre o que até, então, parecia sólido, estável e definitivo - o saber teológico, o saber mítico e saber comum -, e, por outro lado, respondendo, sistematizando, doutrinando uma nova forma de ver, compreender e lidar com a verdade. Platão, por sua vez, já levantara a preocupação com os riscos de que a explicação do mundo fosse baseada na *doxa*, pois ali o mundo pode ser explicado a partir de uma diversidade de opiniões não uma verdade que possa orientar claramente o homem na organização da cidade ou *polis*. Daí propor uma *episteme*, ou ciência filosófica da verdade como forma de superação do relativismo do senso comum.

Neste sentido, a filosofia como que dobrando-se (*fletire*) ou, então, lançando um olhar voltado para trás, origina-se realizando uma atividade até, então, desconhecida, que é o pensar (*pesare*) sobre o próprio pensar, uma atividade eminentemente reflexiva (*re-fletire*; *re-flexire*). Isto quer dizer que, dobrando-se sobre o que havia sido dito sobre a verdade, pela sabedoria do profeta, pelo augúrio do mago ou, mesmo, pelo fala do insensato, o filósofo suspeita, duvida e critica a legitimidade, o lugar, o papel e a função destas formas de saberes, no que diz respeito à compreensão da verdade mesma das coisas. Neste sentido, portanto, a filosofia emerge no cenário da história dos homens como uma atividade reflexivo-crítica, expressando-se concretamente como problematização, pergunta e crítica e, ao mesmo tempo, como solução, resposta e doutrina.

Em segundo lugar, se é verdade que existe uma quantidade grandiosa de definições da filosofia, pois, cada pensador, como, aliás, já destacamos anteriormente, de uma maneira ou de outra, cria a sua própria ou, quando não, questiona a dos outros; de modo que também é uma verdade líquida e certa que existem certas qualidades comuns por entre e nessa intrincada variedade de definições (Dilthey, 1984). Aqui, não é o caso de considerá-las todas, visto não ser a exegese da taxionomia do termo filosofia o objetivo do presente trabalho. Aqui, o nosso

foco foi no sentido conceitual, na busca do que é essencial e estrutural do sentido (conceito) da filosofia. Numa palavra, a consideração da filosofia naquilo que ela tem se apresentado com mais expressividade, isto é, a sua realização a nível da história, bem como a nível da abstração lógica.

Neste sentido, olhando-se para a história do desenvolvimento do pensamento filosófico, deparamo-nos, por entre e ao longo deste mesmo desenvolvimento, com uma atividade bastante singular, diferente mesmo de muitas outras atividades teórico-práticas; trata-se de uma atividade que ora se pauta numa pergunta e ora numa resposta; ora se erige como problema e ora se estrutura como sistema; ou, então, prima pela crítica e, frequentemente, cai na doutrinação na forma de escolas, tendências, correntes, movimentos estruturados do pensamento. Mas, é a pergunta (postura problematizante), ou a resposta (um saber sistemático), a primeira motivação que levou o homem seja primitivo, antigo, medieval, moderno ou contemporâneo a pensar, refletir, e, por conseguinte, filosofar? Eis, o problema! Diga-se, um difícil problema.

Aliás, mais do que um problema, tem-se aqui, na realidade, um dilema, cuja solução nos parece desnecessário, inviável, senão, inútil. Pois, tanto uma pergunta pode provocar uma resposta como, por sua vez, uma resposta pode fazer levantar uma nova pergunta e, assim, sucessivamente. Contudo, lógica e historicamente considerando-se, a pergunta é mais abrangente, mais constante do que a resposta, por isto mesmo, mais fundante, pois, em termos históricos, isto é, nos primórdios da humanidade, como é sabido hoje, a pergunta, enquanto uma forma de um não saber, antecedeu às respostas, ao saber oferecidas ora pelo senso comum, pela religião e pelo mito. Já a filosofia, por outro lado, enquanto questionamento e crítica, sucedeu a todas estas formas de saber, explicitando as insuficiências e as inadequações destas outras formas de saberes não devidamente baseados na reflexão crítica.

Contudo, em última instância, a relação de precedência deve ser bem entendida, pois, trata-se de uma relação de precedência complementar, a saber: a pergunta dinamiza a resposta, dá-lhe vida, visto que a resposta pode, ao longo do tempo, caducar, fossilizar-se em escolas, doutrinas, e sistemas. Por sua vez, a resposta é que efetivamente historiciza e realiza a pergunta, já que esta é sempre abstrata, geral e formal. Eis, então, a essência lógica do movimento e desenvolvimento do pensamento filosófico: um círculo, mas um círculo aberto, helicoidal, entre a pergunta e a resposta, entre a problematização e a sistematização, entre a crítica e a doutrinação. Trata-se, pois, não de uma predominância lógica ou, mesmo,

histórica, de um termo sobre o outro, mas, muito mais de uma relação dialética entre a pergunta e a resposta, mais uma vez, entre a problematização e a sistematização.

Por último, dada a forma de atividade própria à filosofia, que é a de ser uma atividade reflexiva e entendendo-se por reflexão o ato de dobrar-se sobre si mesmo, bem como o ato de olhar lançado para tudo o que está ou vem atrás de si, certamente pode-se dizer que tal reflexividade é não somente própria, mas, fundamental e exclusiva à filosofia, daí porque a ciência dela não pode prescindir, mesmo que na forma de uma filosofia da ciência. De fato, o saber do cotidiano e do senso comum é um saber pontilhar que pode se mostrar ingênuo; o saber religioso é circular e dogmático; o saber científico é linear e axiomático. Nenhum deles, contudo, assume a forma de um saber verdadeiramente reflexivo e helicoidal, quer dizer, um saber crítico, que se funda a si mesmo e, por isto mesmo, pode fundamentar todos os outros, pois não se trata apenas de produzir o novo, mas se dar conta dele.

### Referências bibliográficas

AJDUKIEWICZ, K. *Problemas e Teorias da Filosofia - Teoria do Conhecimento e Metafísica*. São Paulo: Liv. Editora Ciências Humanas, 1979, pág. 77 – 79.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

AQUINO, T. *Suma Teológica*. Madrid, BAC, 1 q. lallq. 1<sup>a</sup>6, pp. 58 – 69, S.D.

BORNHEIM, G. A. *Introdução ao Filosofar – O Pensamento Filosófico em Bases Existenciais*. 4<sup>a</sup> ed., P. Alegre: Ed. Globo, 1978.

BUZZI, A. R.. *Introdução ao pensar: O ser, o conhecimento, a linguagem*. 33<sup>a</sup>. Edição, Editora Vozes, R. J., 2012.

CHAUÍ, M. de S. *Convite à Filosofia*. S.P.: Ed. Ática S.A, 1994.

CORBISIER, R. *Introdução à Filosofia – Tomo I*. Editora Civilização Brasileira, R. J, 1983.

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. *Dialética para principiantes*. Coleção “Filosofia” - 48; Editora Escritos, RS: 2014;

CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. *Sobre a contradição*. Coleção: FILOSOFIA – 6. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1993.

DILTHEY, W. *Essência da Filosofia*. 3ª ed., Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1984.

FOUGEYROLLAS, P. *A Filosofia em Questão*. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

FRANCIOTTI, M. A. *A natureza da atividade filosófica*. Publicado no jornal *A Notícia*, em 16 de maio de 1993.

FREUD, Sigmund. **Introducción del narcisismo**. Buenos Aires: Amarrótu, 1994.

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. 7ª. Ed. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Civilização Brasileira, 1987.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: 1976.

HEGEL, G. W. F. *Princípios da Filosofia do Direito*: Prefácio. Tradução de Orlando Vitorino. Guimarães Editores Ltda. Lisboa, 1986.

HÖSLER, V. *Wahrheit und Geschichte*. Studien zur Struktur der Philosophiegeschichte unter paradigmatischer. Analyse der Entwicklung von Parmenides bis Platon. Stuttgart/Bad-Cannstatt, 1984.

JOLIVET, R. *Curso de Filosofia*. 16 ed., S. P., Livraria Agir Editora, 1986.

PEREIRA, I. s. j. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 6ª, Porto: Liv. Apostolado da Imprensa, 1984.

PIAGET, J. *Sabedoria e ilusões da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

PLATÃO. *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1990.